

## A INCLUSÃO DE ALUNOS SURDOS E O ENSINO DE CIÊNCIAS: desafios vivenciados por professores de uma escola da cidade de Parnaíba- Pi.

Francisca Eliene Lima do Nascimento<sup>1</sup>  
Mírian Souza Passos<sup>2</sup>  
Cleidivan Alves dos Santos<sup>3</sup>

### RESUMO

O presente estudo aborda a temática inclusão, dando destaque para o ensino de Ciências direcionado a educação de surdos. O objetivo do trabalho é analisar as principais dificuldades que os professores de Ciências enfrentam quanto ao ensino de alunos surdos, identificando as principais complexidades que permeiam a educação de inclusiva, compreender esse processo a partir do âmbito da sala de aula conhecendo os recursos que a escola regular disponibiliza ao professor, que proporcione ao mesmo promover um ensino de qualidade e direcionado a todos, e contribuir de forma positiva no enfoque da temática inclusão, e educação de surdos. Trata-se de uma pesquisa descritiva com uma abordagem qualitativa. Nas reflexões sobre os aspectos históricos da inclusão de surdos e do ensino de ciências, dialogamos com diferentes autores que são referência na temática ora em estudo. A pesquisa foi realizada na Unidade Escolar Padre Raimundo José Vieira, zona urbana de Parnaíba, o percurso metodológico inclui análises de documentos, para coleta de dados foram aplicados questionários aos professores de Ciências da referida escola. Observou-se que os professores compreendem a importância do processo inclusivo, porém ficou clara a insegurança por parte dos mesmos quanto ao ensino de alunos surdos e a incapacidade desses profissionais em promover a educação inclusiva de forma efetiva. Enfim, entende-se que é imprescindível que haja uma adequação da escola para receber os alunos surdos, além da disponibilização de cursos de capacitação para os professores, objetivando qualificar os mesmos para atender as diferentes especificidades de alunos que compreendem o ambiente escolar.

**PALAVRAS-CHAVE:** Inclusão de surdos. Ensino de ciências. Educação inclusiva.

### INTRODUÇÃO

O processo de inclusão se torna cada dia mais importante no contexto social, assim como no espaço escolar, partindo do fato de que é um assunto abordado em escalas cada vez maiores, e que por sua vez vem conseguindo lentamente moldar o entendimento da sociedade sobre as pessoas com necessidades especiais.

Um tema preocupante e bastante discutido é a inclusão de crianças com surdas em sala de aula de ensino regular. Partindo do pressuposto de que a surdez afeta de forma específica os processos de linguagem, e dessa forma a mesma reflete diretamente na aprendizagem,

<sup>1</sup> Graduada em Ciências Biológicas pela Universidade Federal do Piauí – UFPI e Pós-graduanda do curso de Especialização em Docência do Ensino Superior da Faculdade Evangélica do Meio Norte - FAEME, [elienelima\\_phb@hotmail.com](mailto:elienelima_phb@hotmail.com);

<sup>2</sup> Graduada em Ciências Biológicas pela Universidade Federal do Piauí – UFPI e Pós-graduanda do curso de Especialização em Docência do Ensino Superior da Faculdade Evangélica do Meio Norte - FAEME, [miriansouzabio@hotmail.com](mailto:miriansouzabio@hotmail.com);

<sup>3</sup> Doutor e Mestre em Educação pela Universidade Federal do Piauí (UFPI). Professor da Universidade Federal do Piauí – UFPI – Campus Ministro Reis Velloso. [cleidivan.santos@bol.com.br](mailto:cleidivan.santos@bol.com.br)

quais as principais adversidades enfrentadas pelo professor de Ciências acerca do ensino de surdos? O que se faz necessário para que o mesmo corresponda às necessidades e limitações do aluno surdo?

O papel do professor no sistema de educação inclusiva é primordial, visto que do mesmo depende a adequação das metodologias para a sala de aula como um todo, atendendo tanto os alunos ouvintes como os não ouvintes, possibilitando maior interação e assimilação dos conteúdos, e fomentar a necessidade de mudanças indispensáveis nos sistemas educacionais, pois o processo de inclusão demanda atenção e seriedade.

O objeto de estudo desse trabalho, caracteriza-se pela importância da inclusão de alunos com deficiência auditiva na sala de aula regular e quais metodologias são utilizadas pelo educador para contribuir na aprendizagem desse aluno, demonstrar a importância do uso de metodologias diferenciadas como meio necessário para um melhor aprendizado e interação da turma, promovendo uma educação mais significativa aos alunos surdos nas escolas de ensino regular. Conhecer os recursos e mecanismos de ensino utilizados na escola regular para alunos com necessidades educativas especiais, além de compreender as problemáticas mais comuns dentro do âmbito escolar direcionadas aos alunos surdos, buscando entender as principais necessidades que a escola regular apresenta para proporcionar a inclusão de forma mais expressiva para esses alunos.

É irrefutável a necessidade de inserir medidas transformadoras na formação e capacitação do educador, capazes de assegurar o manuseio de práticas educacionais eficientes na inclusão do aluno surdo, bem como, propiciar estratégias que promovam aos mesmos uma melhor assimilação dos conteúdos trabalhados pelo professor.

O presente trabalho foi elaborado através de pesquisa bibliográfica acerca do tema e aplicação de questionários, estes, direcionados aos professores de Ciências inseridos no ensino regular da Unidade Escolar Padre Raimundo José Vieira.

Tendo como objetivo geral: Conhecer as principais dificuldades que os professores de Ciências enfrentam quanto ao ensino de alunos surdos. E os seguintes objetivos específicos: Identificar as principais complexidades que permeiam a educação de surdos, compreender o processo inclusivo a partir do âmbito da sala de aula, conhecer os recursos que a escola regular disponibiliza ao professor, que proporcione ao mesmo promover um ensino de qualidade e direcionado a todos, e contribuir de forma positiva no enfoque da temática inclusão, e educação de surdos.

O presente trabalho é direcionado a diversos públicos, diante do tema inclusão, atualmente muito problematizado nos contextos educacionais, ele remete aos cursos de

pedagogia, licenciaturas, psicologia, entre outros. Contribuindo também na perspectiva acerca da rede regular de ensino, e seus percalços, suscitando possíveis alternativas de desenvolvimento no ensino inclusivo.

## **METODOLOGIA**

A abordagem da seguinte pesquisa é do tipo descritiva, e de natureza qualitativa. Gil (1999) destaca que a pesquisa descritiva objetiva-se principalmente por descrever as características de determinados grupos, e apresenta como aspecto mais significativo o manuseio padronizado das técnicas de coletas de dados. Tendo isso em mãos, compreende-se que nesse tipo de pesquisa não há interferência do pesquisador, a mesma somente relata, compara, e identifica o objeto estudado em diferentes aspectos, com o intuito de validar cientificamente a pesquisa.

A natureza qualitativa da pesquisa está ancorada na perspectiva de entender a natureza de um fenômeno social de forma precisa, visando também à dinâmica entre o sujeito e a realidade em que ele está inserido, fato que não pode ser traduzido por números. Nessa assertiva Oliveira (2008, p.3) corrobora:

[...] a pesquisa qualitativa é considerada subjetiva e não científica, uma vez que não opera com dados matemáticos que permitem descobrir relações de causa e efeito no tratamento estatístico. [...] os interpretacionistas, o estudo da experiência humana deve ser feito, entendendo que as pessoas interagem, interpretam e constroem sentidos.

A pesquisa se desenvolveu na Unidade Escolar Padre Raimundo José Vieira, localizada na Avenida das Normalistas, nº 1680, Bairro Nova Parnaíba na cidade de Parnaíba, estado do Piauí e deu-se início com uma visita a referida escola para apresentação das intenções, mostrar o intuito e a relevância da pesquisa. Esse primeiro contato também objetivou a coleta de informações pertinentes sobre a escola, assim como, dos professores. A produção dos dados da pesquisa realizou-se por meio de análise documental através da aplicação de questionários direcionados aos professores do ensino de ciências da escola.

A metodologia utilizada na coleta de dados foi o uso de questionários. Para Marconi, Lakatos (2003), o questionário configura um instrumento de coleta de dados, constituído por perguntas, que por sua vez, devem ser respondidas por escrito e sem a presença do entrevistador. O que permite ao sujeito maior liberdade na formulação das respostas.

## DESENVOLVIMENTO

Ao longo dos anos o processo de inclusão vem sendo inserido na sociedade, porém de forma gradativa, devido à visão arcaica de uma grande parte da mesma. A dificuldade de aceitação da comunidade em geral, corroborou gerando inquietação, intolerância e diversos atos desumanos em relação às pessoas com deficiências por bastante tempo. No entanto, a partir do momento em que se dá o conhecimento e estudo acerca do tema se inicia uma nova postura diante do mesmo, capaz de ultrapassar vicissitudes de forma colossal.

A princípio, o limitado entendimento da sociedade acerca das deficiências e o medo do desconhecido, geralmente acabam por influenciar negativamente na forma como a sociedade enxerga as pessoas com deficiências, contribuindo para que as mesmas sejam tratadas com inferioridade e de forma preconceituosa somente por serem diferentes, (MAZZOTA, 2005).

Quando se fala em inclusão, é possível estabelecer um ponto determinante: a dificuldade de se colocar no lugar do outro. A partir dessa premissa se faz iminente a necessidade de idealizar um novo olhar sobre o desconhecido, e dado o momento dessa conscientização torna-se possível compreender as dificuldades e potencialidades do outro.

Destarte, viabilizando ao ser humano a oportunidade de conviver com as diferenças e por outro lado assegurar ao outro o direito à integração. Proporcionando a ambos o privilégio de conhecer o outro em seus anseios e inquietações.

Diante desse contexto, Mantoan (2004, p. 7-8) alega que:

há diferenças e há igualdades, e nem tudo deve ser igual nem tudo deve ser diferente, [...] é preciso que tenhamos o direito de ser diferente quando a igualdade nos descaracteriza e o direito de ser iguais quando a diferença nos inferioriza.

Sustentando a premissa de que uma pessoa não pode ser excluída a partir de uma peculiaridade.

A educação apresenta muitas vertentes negativas, inúmeras situações a tornam assunto de constante discussão. Diante das muitas dificuldades que envolvem essa temática, uma delas ganha bastante espaço, o ensino-aprendizagem dirigido a pessoas com necessidades educativas especiais, trazendo em questão a “educação inclusiva”.

Barbosa e Amorin (2008), afirmam a importância e constante discussão do tema inclusão, enfatizando também a necessidade de aceitação do outro, o respeito às diferenças, e

o direito de todos de participar e integrar qualquer âmbito da sociedade, inclusive o ensino regular.

Diante da real situação em que se encontra a sociedade atual, o processo de inclusão é determinante e indispensável. É essencial que a educação chegue a todos de forma igualitária.

Para Werneck (1999) a Inclusão educacional deve se adequar aos diferentes contextos de sala de aula, e deve ser capaz de atender a demanda de forma eficiente e acolhedora. A escola inclusiva e os profissionais de educação desempenham papel principal na construção da cidadania, o convívio com as diferenças precisa ser imposto desde cedo, visando combater de forma eficiente o preconceito e alcançando o potencial exigido para que o ensino direcionado a todos os alunos seja satisfatório e favoreça adequadamente ao processo de inclusão de pessoas com deficiência no âmbito escolar regular. A escola pública é responsável pela educação de todos, sem exceção.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Apesar das incansáveis lutas da comunidade surda e da sociedade em geral, os desafios enfrentados pelo processo de inclusão de surdos na escola regular ainda enfrenta muitas vertentes negativas. A primeira pergunta do questionário foi: “Na sua concepção, quais os maiores desafios que a escola enfrenta para a inclusão do aluno surdo no ambiente escolar?”.

**PROFESSOR 1:** A falta de apoio e de recursos por parte da escola, além da grande quantidade de alunos por turma.

**PROFESSOR 2:** A falta de interpretes na sala de aula.

**PROFESSOR 3:** A comunicação com os alunos, visto que não recebemos capacitação, principalmente LIBRAS e com isso dificulta todas as outras atividades a serem desenvolvidas na escola. Embora tenha em sala de aula um T.E. (técnico educacional/interprete), esse também às vezes não consegue transmitir o conteúdo da melhor forma para os alunos surdos.

**PROFESSOR 4:** Fazer com que o aluno compreenda o conteúdo, promover a integração desse aluno com os demais.

**PROFESSOR 5:** Os alunos não conseguem entender o conteúdo, a não ser que tenham ajuda de um interprete.

**PROFESSOR 6:** A comunicação efetiva com os alunos surdos é o maior desafio que observo nas salas de aula, nem todo o corpo docente e discente tem habilidade com a língua de sinais.

De acordo com os sujeitos da pesquisa, o principal desafio enfrentado para a inclusão do aluno surdo é a dificuldade de comunicação, seguida pela ausência de capacitação desses professores e que resulta na incapacidade de promover a esse aluno a integração na sala de aula, assim como, a compreensão dos conteúdos mediados pelo professor.

Nessa perspectiva, torna-se indiscutível que há uma série de problemáticas que envolvem a inclusão do aluno surdo no contexto escolar. Dorziat (1998) considera primordial que a escola se adapte para atender efetivamente todos os tipos de alunos. Ainda de acordo com a autora, é imprescindível que os professores conheçam e utilizem a Língua de Sinais durante suas aulas quando houver a presença de alunos surdos.

De acordo com Quadros (1997), a educação ofertada às crianças surdas brasileiras, não é especializada para atender as especificidades dessa categoria, acarretando em sérias defasagens no aprendizado desses alunos. Faz-se notória a busca pela melhoria no atendimento as crianças com dificuldades educativas especiais por parte da escola, porém ainda é uma realidade muito distante.

Para que o professor esteja capacitado para trabalhar com alunos surdos, faz-se necessário que os mesmos conheçam metodologias de ensino que os auxiliem na mediação dos conteúdos, e principalmente que conheçam e utilizem a LIBRAS durante as suas aulas, sendo que a mesma é a língua natural desses alunos. A segunda pergunta foi: “Você se sente capacitado para trabalhar com alunos surdos ou parcialmente surdos? Comente sua resposta”.

**PROFESSOR 1:** Não, pois não há incentivo para a participação em cursos por parte do sistema.

**PROFESSOR 2:** Não. Meu único contato com o curso de libras foi muito superficial.

**PROFESSOR 3:** Não me sinto capaz devido a dificuldade de comunicação.

**PROFESSOR 4:** Não. Pois não passei por uma capacitação.

**PROFESSOR 5:** Não. Não tenho nenhum curso que me capacite a isso.

**PROFESSOR 6:** Não, pois ainda não fiz nenhum curso de libras e isso dificulta as vezes a minha comunicação com meus alunos surdos. No entanto tento usar outros recursos para incluí-los nas aulas de ciências como: imagens.

Como podemos observar, foi unanime a resposta dos professores da pesquisa. Todos afirmam não se sentirem capacitados para trabalhar com alunos surdos, mesmo já possuindo contato com a Língua de Sinais, como reitera o professor 2: “Não. Meu único contato com o

curso de Libras foi muito superficial.” Os demais professores alegam não deter nenhum tipo de capacitação no que se refere ao ensino de surdos.

O professor 1 evidencia em sua resposta a falta de incentivo: “Não, pois não há incentivo para a participação em cursos por parte do sistema.” Mantoan (2003, p. 21) reconhece que os professores julgam-se inaptos para lidar com as multiplicidades do contexto escolar, e consideram que apenas os profissionais especializados possuem capacidade para atender tais singularidades.

A terceira pergunta questionada foi: “Durante o seu processo de formação, enquanto professor de Ciências você recebeu orientações, bem como cursou disciplinas que contemplasse a discussão acerca da inclusão de alunos surdos, bem como o conhecimento acerca das LIBRAS?”.  
LIBRAS?”.

**PROFESSOR 1:** Não.

**PROFESSOR 2:** Sim. Durante meu processo de formação cursei a disciplina de LIBRAS, mas foi bem superficial, não procurei me aprofundar depois do curso.

**PROFESSOR 3:** Não recebi orientação nenhuma. Os alunos surdos e com outras dificuldades foram incluídos na sala de aula, porém não recebemos capacitação.

**PROFESSOR 4:** Não. Na época da minha formação não vi nada sobre o tema.

**PROFESSOR 5:** Não. Formei-me nos primeiros anos de implementação do curso aqui em Parnaíba, não se trabalhava essa realidade.

**PROFESSOR 6:** Durante minha formação acadêmica não cursei nenhuma disciplina que tratasse sobre educação especial, porém procurei fazer uma especialização em Atendimento Educacional Especializado.

Percebe-se diante das respostas que apenas o professor 2 afirma ter cursado a disciplina de Libras durante sua formação acadêmica, porém o mesmo esclarece que o conteúdo visto em sala de aula foi superficial, e que não procurou aprofundar-se na área após ter concluído sua graduação. Os demais professores confirmam não haver a disciplinas de libras em sua graduação, assim como não receberem nenhuma orientação direcionada à área. A formação de professores é um fator determinante para a efetivação do processo de inclusão escolar de alunos surdos. Nesse contexto, busca-se cada vez mais estudar as questões relacionadas a esse ideal, como complementa Perlin, Miranda (2011, p. 101), se faz presente à necessidade de estudos acerca dos surdos visando à formulação de estratégias pedagógicas

direcionadas as escolas inclusivas, tal como para a formação de professores, considerando a filosofia da diferença.

Para disponibilizar uma educação efetiva é fundamental que haja comunicação entre os sujeitos, permitindo dessa forma, que os mesmos interajam e compartilhem conhecimentos. Para que isso seja possível é indispensável que a língua utilizada seja do conhecimento de todos, porém quando se refere ao aluno surdo, inúmeras barreiras são importas. Desde a linguagem natural desse aluno, no caso, a LIBRAS, como também a carência de sinais para muitas denominações utilizadas no ensino científico. Dentro desse aspecto, a quarta pergunta foi: “Quais as dificuldades que você encontra para desenvolver o ensino de Ciências junto aos alunos com deficiência auditiva?”.

**PROFESSOR 1:** A falta de oferta de um curso de libras de acordo com a disponibilidade de tempo dos professores.

**PROFESSOR 2:** Dificuldades com a própria comunicação por não saber a Língua de Sinais.

**PROFESSOR 3:** Na hora de transmitir o conteúdo, de avaliar o aluno, de compreender em que os alunos estão com dificuldade, embora tenha a ajuda do técnico em sala que os acompanha.

**PROFESSOR 4:** Ainda não trabalhei com alunos surdos.

**PROFESSOR 5:** Mesmo com interprete, algumas palavras da disciplina são difíceis de se traduzir em libras.

**PROFESSOR 6:** Dificuldade de comunicação, de aliar a teoria à prática, principalmente no 9º (nono) ano, pois trabalhamos conteúdos relacionados a química e a física.

Diante das respostas expostas pelos professores, novamente se aplica a questão da dificuldade de comunicação entre aluno e professor devido à incompatibilidade linguística. Os professores 5 e 6 apontam outro fator que acarreta na dificuldade de desenvolvimento do ensino de ciências para alunos surdos: alguns conceitos de Ciências não possuem sinais. De acordo com o professor 5: “Mesmo com interprete, algumas palavras da disciplina são difíceis de se traduzir em Libras.”

Os sinais em Libras são criados de forma muito complexa, pois requer a aprovação e a utilização da comunidade surda. Para Rumjanek (2011), os surdos nunca foram incluídos no processo científico e tecnológico, dessa forma, tornando a Língua de Sinais desprovida de

termos específicos da área, tornando a linguagem científica ainda mais incompreensível para os alunos surdos. Fato citado pelo professor 6 quando fala da dificuldade de comunicação devido aos conteúdos: “Dificuldade (...) de aliar a teoria à prática, principalmente no 9º (nono) ano, pois trabalhamos conteúdos relacionados a química e a física.”

Percebe-se que a complexidade no ensino de Ciências para alunos surdos tem proporções gigantescas, tanto no que se refere à mediação da teoria, quanto a associação entre teoria e prática no fazer docente. O que reafirma a exclusão da comunidade surda dos contextos científico/tecnológicos.

Arruda (2009) afirma ter observado outros fatores de exclusão de surdos no Ensino de Ciências em uma pesquisa fundamentada na análise do glossário do livro didático de Ciências, em comparativo com a Língua de Sinais, buscando termos correspondentes, através da qual o autor pode observar a ausência de diversos sinais indispensáveis ao ensino de Ciências.

Esse conjunto de questões nos revela a necessidade de uma reformulação pedagógica, orientada no sentido de construir uma identidade científica juntamente a comunidade surda, de forma que os mesmos possam agregar sinais específicos para o ensino de Ciências visando favorecer a educação de alunos surdos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando os resultados da pesquisa que foi tema desse trabalho, percebemos que são inúmeras as dificuldades que permeiam o processo de inclusão de alunos surdos na escola regular, bem como no que se refere ao desenvolvimento do ensino de Ciências direcionado a esses alunos.

Apesar de o processo inclusivo ser um tema tão abordado atualmente, percebemos que ainda há muito a ser desenvolvido para que ele ocorra de forma efetiva. O estudo da literatura feito durante a elaboração dessa pesquisa nos permitiu perceber que a formação do professor tem papel muito importante no progresso de inclusão do aluno surdo. Outro fator importante que se fez evidente com esse estudo é que a comunidade escolar precisa impreterivelmente se adequar a essa nova estrutura educacional, visando garantir ao aluno surdo o acesso a uma educação de qualidade.

Partindo do fato que os surdos têm uma língua própria e que a maioria dos ouvintes desconhece, podemos enfatizar que a dificuldade de comunicação entre surdos e ouvintes causada pela diferença linguística dos grupos é determinante no contexto inclusivo, sendo

essa uma das principais dificuldades enfrentadas pelo professor na sala de aula, como afirmaram os sujeitos da pesquisa. Uma forma de minimizar essa situação é a inserção de interpretes nas salas de aula, com o intuito de auxiliar na comunicação e compreensão dos conteúdos pelo aluno surdo, porém nem sempre existe a presença desse profissional nas salas de aula. Ainda de acordo com alguns sujeitos da pesquisa, em muitas ocasiões, o próprio interprete não consegue repassar o conteúdo ao aluno de forma correta.

Nesse contexto, vale salientar que a presença do interprete só se faz válida se o aluno surdo conhecer a Língua de Sinais, sendo esta, considerada a língua materna dos surdos. Entretanto, muitas crianças surdas não obtiveram acesso ao ensino de LIBRAS, e se comunicam apenas por sinais adquiridos em sua vivência no contexto familiar. Dessa forma, esses alunos são inseridos nas escolas desprovidos de qualquer conceito de linguagem, fato comum e que por sua vez acaba tornando ainda mais complexa à educação desses alunos.

Todavia, julga-se necessário que a temática: ensino de ciências no contexto da surdez é de considerável importância e deve ser bastante debatido. Pois mediante o estudo feito na literatura durante a presente pesquisa, é incontestável a carência de sinais na LIBRAS que correspondam as terminologias utilizadas no ensino de ciências, o que terminantemente resulta no insucesso educacional.

Com isso em mãos, concluímos que é verdadeiramente necessária a luta por nossos ideais, que é através da persistência que são alcançados os nossos direitos como cidadão, e que mesmo com as adversidades devemos seguir lutando.

## REFERÊNCIAS

ARRUDA, F. E. C. **Elementos microestruturais para um vocabulário didático dos termos das ciências biológicas para alunos surdos do Ensino Fundamental.** Dissertação de mestrado. Universidade Estadual do Ceará. Programa de Pós-Graduação em linguística aplicada. 2009.

BARBOSA, S.T.; AMORIM, K.S. Revisão da literatura sobre a educação de deficientes auditivos e surdos: o antagonismo de perspectivas/práticas persiste. In: Almeida, M.A.; Mendes, E.G.; Hayashi, M.C.P.I. (Org.) **Temas em educação especial: deficiências sensoriais e deficiência mental.** Araraquara: Junqueira & Marin, 2008.

DORZIAT, A. **Democracia na escola: bases para igualdade de condições surdo ouvintes.** Revista Espaço. Rio de Janeiro: INES. N° 9, p. 24-29, janeiro-junho, 1998.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 5 ed. São Paulo: atlas, 1999.

MARCONI, M.A.; LAKATOS, E.M. **Fundamentos de metodologia científica.** 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MANTOAN, M. T. E. **Inclusão escolar: o que é? por quê? como fazer?** São Paulo: Moderna, 2003.

MANTOAN, M.. O direito de ser, sendo diferente, na escola. **Revista CEJ**, Brasília, n. 26, p. 36-44, 2004.

MAZZOTA, M. J. S. **Educação especial no Brasil: histórias e políticas públicas**. 5 ed. São Paulo: Cortez, 2005.

OLIVEIRA, C. L. **Um apanhado teórico-conceitual sobre a pesquisa qualitativa: tipos, técnicas e características**. alagoas: travessias, 2008. Disponível em:

[http://www.unisc.br/portal/upload/com\\_arquivo/um\\_apanhado\\_teorico\\_conceitual\\_sobre\\_a\\_pesquisa\\_qualitativa\\_tipos\\_tecnicas\\_e\\_caracteristicas.pdf](http://www.unisc.br/portal/upload/com_arquivo/um_apanhado_teorico_conceitual_sobre_a_pesquisa_qualitativa_tipos_tecnicas_e_caracteristicas.pdf).

PERLIN, G.; MIRANDA, W. A performatividade em educação de surdos. In: SÁ, N. de. (Org.). **Surdos: qual escola?**. / Nídia de Sá. – Manaus: Editora Valer e Edua, 2011. 302 p.

QUADROS, R. M. **Educação de surdos: a aquisição da linguagem**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

RUMJANEK, J. B. D. **Novos sinais para a ciência: desenvolvimento de um glossário científico em Libras**. Dissertação de mestrado acadêmico em química biológica. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Programa de Pós-Graduação em Química biológica. 2011.

WERNECK, C. **Sociedade Inclusiva: Quem cabe no seu todos?**. Rio de Janeiro: WVA Editora, 1999.